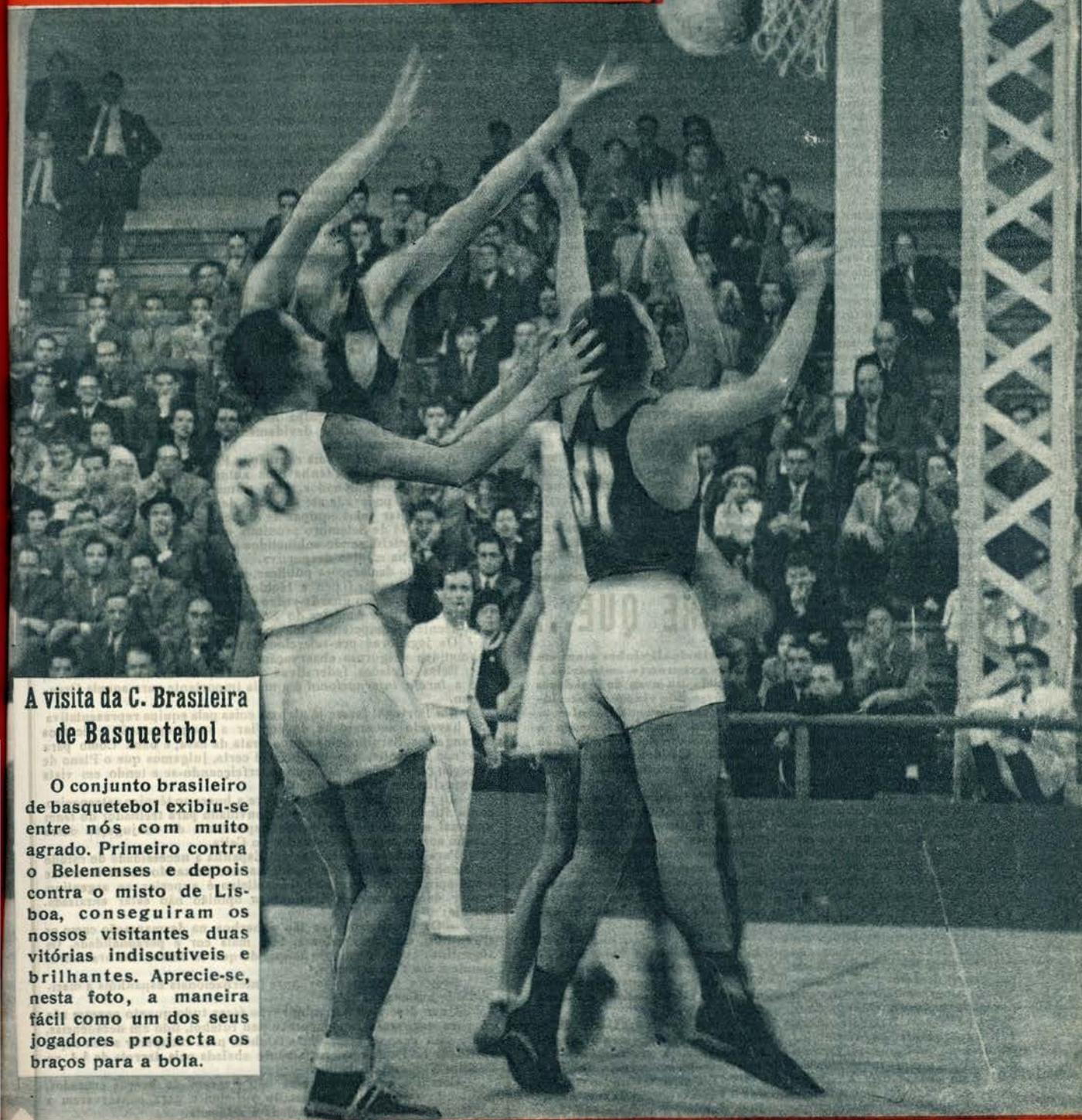


# Stadium



## A visita da C. Brasileira de Basquetebol

O conjunto brasileiro de basquetebol exibiu-se entre nós com muito agrado. Primeiro contra o Belenenses e depois contra o misto de Lisboa, conseguiram os nossos visitantes duas vitórias indiscutíveis e brilhantes. Aprecie-se, nesta foto, a maneira fácil como um dos seus jogadores projecta os braços para a bola.

N.º 242

23 DE JULHO DE 1947

REVISTA DESPORTIVA

2\$50

# No Mundo da Bola

Pelo JORNALISTA DESCONHECIDO

## CONTA-GOTAS

Fala-se com certa insistência na realização do Congresso. Quer dizer, o futebol voltaria à normalidade... O actual presidente da Comissão Administrativa da Federação, alta figura de homem do desporto, desde a primeira hora, afirmou que arrumaria convenientemente a casa de modo a fazer-se o referido Congresso.

Havendo tranquilidade no futebol, parece-nos na verdade ter sido chegado o momento. Precisamente, o momento em que se pretende pôr a funcionar uma nova mecânica de Campeonatos parece-nos a altura própria para reunir o Congresso, o lugar verdadeiro e legítimo de análise e discussão dos problemas de futebol, especialmente da envergadura de aquele que se trata.

Entre as preocupações dominantes do futebol português figura em primeiro plano a questão actual: de manter ou de eliminar os Campeonatos Distritais?

Lisboa e Porto são as Associações directamente afectadas. Nos seus dizeres, essa eliminação afasta a própria essência «associativa».

Vém depois os argumentos. Colocando-se em primeiro lugar a razão das finanças. Porque se trata, exemplo Campeonato de Lisboa, de um torneio de menores despesas e de receitas tão grandes ou maiores do que a média do Nacional, porque se atenta contra a vida de Lisboa?

Argumento tão forte, podia opor-se, ainda, em primeiro lugar, a razão desportiva. Onde haverá por aí um campeonato mais igual e equilibrado, em que as forças dêem luta mais emocionante?

A verdade destes argumentos, pelo menos, à primeira vista, parece irrefutável. Podia ainda acrescentar-se que valendo os distritais como apuramento de valores, o seu interesse redobrar-se-ia. Enfim, a Federação resolverá, provavelmente, tendo em conta os interesses e valores do jogo!

Há clubes, como o Belenenses, por exemplo, que incluíram lúcidamente no primeiro plano das suas realizações a melhoria do seu grupo de Lisboa. Esta preocupação deve ser vista com agrado por toda a gente. Quanto mais fortes estiverem todos os clubes, e principalmente os chamados históricos, melhores se tornam os torneios, e mais interessantes.

O Belenenses está a lançar mão das transferências como meio de melhorar imediatamente o seu team representativo, mas,

no entanto, não descarta a formação de jogadores. De aqui a tempos, terá o reforço indispensável. Procura, simplesmente, nesta sua corrida, um team para uma ou duas épocas, na certeza de que terá depois o seu arranjo definitivo.

Já hoje ninguém ousa atacar a independência técnica e disciplinar dos árbitros portugueses; questão muito debatida na altura em que se verificou essa independência, e mesmo muito antes, da iniciativa do sr. tenente-coronel Salvação Barreto, então efectivamente nas suas funções de Director Geral dos Desportos.

Mas as organizações dos árbitros, dada a sua função, exigiam despesas que, como é lógico, ficaram a cargo da Federação e Associações. Pensámos que tal era um arremedo, enquanto não se encontrava solução definitiva para o assunto. No fundo, os árbitros, independentes, estavam dependentes no ponto de vista económico. Inevitavelmente, mais dia menos dia, havia de verificar-se desentendimento entre dirigentes e árbitros, aqueles não querendo despendar verbas com organismos que não lhe estão

## CORRE QUE...

Os principais clubes mandam constantemente emissários à Província na cata de jogadores de reforço. São viagens misteriosas, de grandes conciliábulos...

✦ Não tem fundamento a notícia da ida de Azevedo para o Brasil. Os jornais brasileiros andam à compita com os espanhóis...

✦ Um jogador argentino, de ascendência portuguesa, está em Lisboa, e diz-se que jogará no Belenenses se, porventura, não for parar ao Sporting...

✦ Nunes, do Vitória de Setúbal, jogará pelo Belenenses na próxima época, apesar de se ter verificado uma «tentativa benfiquense».

✦ O Belenenses, no seu afã de conseguir uma boa linha de ataque, permutará Bravo, do Estoril, com elementos que estão nas suas fileiras, Elói e Palma Seixo.

✦ Um dos magníficos defesas do Belenenses passará para o Sporting. A transferência, a verificar-se, seria sensacional...

✦ Trém, o treinador inglês, foi à Inglaterra, onde tem a mulher doente, e regressará a Lisboa com rumo ao Benfica.

subordinados, retendo no seu íntimo algumas queixas; estes numa vida asfáltica querendo aperfeiçoar a sua organização, com o mínimo possível de sacrificios materiais.

O sr. coronel Sacramento Monteiro, ao observar semelhante estado de coisas, decidiu que as Associações são obrigadas a manter as Comissões dos Árbitros. Mas a solução pura, com o devido respeito, será aquela em que os juizes de campo vivam completamente independentes, mesmo no aspecto financeiro.

## Há resposta para tudo...

P. 513 — Outro dia tive uma grande discussão com um amigo. Ele dizia que o futebol provoca doenças, e eu mantinha que faz bem. Decidimos escrever a V. e sujeitarmo-nos à sua opinião. (Dois futebolistas. Guarda).

R. 513 — Que lhe hei-de dizer? Isso do futebol fazer doentes já está posto de parte há muito tempo. Velharias! Há hoje uma inspecção médica rigorosa. O futebol faz homens fortes. Deixe o seu amigo falar à vontade...

P. 514 — Acha que o Sporting continuará a ganhar os campeonatos na próxima época? (Um leão até morrer...)

R. 514 — A resposta não depende somente do Sporting. Depende também muito dos adversários do Sporting...

## Portugal-Espanha Uma opinião de Zamora

Como era nosso convencimento, a Federação Espanhola de Futebol, que, por enquanto, só tem marcado o Espanha-Portugal para 21 de Março próximo, cuida preocupadamente da sua equipa nacional, de forma a apresentar os seus melhores jogadores devidamente agrupados e disciplinados num team e como team.

Assim, na sua última reunião, a Federação determinou que o Seleccionador Nacional tenha uma autoridade absoluta e máxima sobre os pre-seleccionados, cujo número oscilará entre dezoito e vinte, a qual poderá ir até ao ponto desses jogadores serem proibidos de alinhar pelas equipas de clubes.

No dia 14 de Setembro próximo, esses jogadores concentrar-se-ão em Madrid, sendo submetidos a inspecção rigorosa e inscritos numa ficha médico-desportiva.

Segundo declarações públicas, a Federação Espanhola procura um bom preparador físico e técnico como auxiliar de Guillermo Eizaguirre, o antigo guarda-redes presentemente seleccionador, na Inglaterra, Itália e América do Sul, não porque em Espanha não haja técnicos competentes, mas para não ferir susceptibilidades... Os jogadores pre-seleccionados durante a temporada estarão submetidos a rigorosa observação.

Estas decisões federativas provam, de modo insofismável, que a tarefa internacional é a mais importante para aquele Organismo.

Em Portugal fez-se já alguma coisa pela equipa representativa não havendo necessidade de confiar a sua preparação a técnicos estrangeiros. Servimo-nos com a prata da casa, e bem. Como para trás não se volta, e a evolução é certa, julgamos que o Plano de Selecção português se alargará, aperfeiçoando-se e tendo em vista as experiências do passado.

Ao mesmo tempo que se refere a busca ao técnico estrangeiro, conta Ricardo Zamora ter sido convidado para treinador do team nacional, estando a sua resposta dependente da conjugação dessa função com o cargo de treinador do Celta.

Para Zamora, verifica-se em Espanha a necessidade do estudo da técnica e das táticas modernas, não deixando de ter interesse a sua opinião de que o futebol brasileiro é superior ao argentino, apesar de, mesmo no Brasil, esta opinião não estar enraizada. Diz ele:

— Os brasileiros são tão soberbos na desmarcação como os argentinos, mas mais velozes, têm mais cor e personalidade. Os argentinos cuidam mais do ataque do que da defesa. Os brasileiros atendem aos dois aspectos.

Zamora quer dar aos onze internacionais espanhóis a disciplina de um estilo.

Quer dizer, os espanhóis vão fazer tudo quanto possam não só para erguerem novamente o seu futebol, tido em decadências, aliás, sem grande razão, mas também para recuperar a sua superioridade na Península, fortemente abalada pela derrota de 4-1 no Estádio Nacional do Jamor.

Compete aos portugueses não ficarem de braços cruzados, mantendo o ritmo de preparação suficiente para conservarem a vantagem há tanto tempo desejada e cobiciada.

# Qualidade ou quantidade?

**Os clubes pequenos «fabricam» sempre para os grandes e a classe do futebol britânico não se perde!**

LONDRES, Julho de 1947 — Especial para «Stadium» — por FERNANDO MENDES

**Q**uanto de qualidade? A pergunta é de fazer-se, e nós suportámo-la depois do desportista britânico nosso amigo nos conduzir até à condenação das filiais com equipas de futebol na mesma prova oficial. Da primeira conversa já demos conta aos leitores. Mas nós ficámos por largo tempo à mesa do café. A certa altura, pergunta-nos quase à queima roupa:

— Há muitos clubes em Portugal?

— Multíssimos.

— Em Lisboa, por exemplo?

— Grandes, há 4 ou 5; de segunda classe — muitos; e daí para baixo — multíssimos.

O amigo destas horas de conversa desportiva passou a mão pelo queixo sanguíneo. Torceu o nariz. E voltou à carga:

— Quantos clubes de Lisboa disputam o campeonato nacional da 1.ª Divisão?

— Cinco.

— Cinco?

— Então quantos habitantes possui a vossa capital?

— 800 a 900 mil habitantes.

— Pois não deve ser assim. É preciso olhar, em cada país, pela «qualidade» mais que pela «quantidade». Em Londres, como em toda a Grã-Bretanha, acontece assim. E julgo que o mesmo se passa, por exemplo, na vossa vizinha Espanha.

— É verdade. Madrid, a capital, possui dois: o R. Madrid e o Atlético; Barcelona — o clube que tem o nome da cidade e o Espanhol; na Galiza — o Celta e o Corunha, bem longe um do outro; na Andaluzia, toda uma província, apenas o Sevilha; nas Astúrias — o Oviedo, como em Bilbao o Atlético e em Valência uma única equipa...

— Pois assim mesmo. A ideia de fundar um clube por tudo e por nada, em cada rua, em cada bairro ou avenida, em cada aldeia ou vila, não me parece indicação de capacidade no jogo de futebol. Disse-me que há vilas pequenas ou cidades de terceira ordem com 3 ou 4 clubes. Ora, se nesses centros houvesse união, se todas as energias se agrupassem, não poderia criar-se um clube forte, capaz de fazer boa figura e dar luta capaz aos agrupamentos de primeiro plano?

— Convença-se de uma coisa: antes «qualidade» do que «quantidade». Londres, na 1.ª Liga Inglesa, com multíssimos mais habitantes em relação a Lisboa, tem menos representantes e já são demais. Não queremos dizer com isto que não se espalhem clubes desportivos pelo país fora. Mas o que deve produzir-se é a selecção. Poucos, mas bons.

— Mas, a ser assim, como espalhar o gosto do futebol pelos pra-

ticantes? Se há poucos clubes...

— Facilimo. Os clubes fazem escolas e provocam o aperfeiçoamento. Entretanto formam os seus quadros com gente que progride. E vê-se logo: — ou dá ou não dá. Como sabe, nas Escolas, nos Liceus, nas Universidades, em Inglaterra, joga-se — faz-se desporto. Daqui podem sair para os clubes. A selecção está feita, porque começa na «escola». Não é necessário haver clubes a mais, não senhor. O que se torna preciso apenas: — clubes bons, clubes de «qualidade», e nada mais. O futebol precisa de gente que o eleve. Os clubes, sendo grandes, fazem o recrutamento e seguem, com bons conjuntos, jogando contra outros grupos de boa categoria. Um *team* bom contra outro mau é insípido, afasta o público, prejudica a bilheteira.

— Mas os clubes secundários são precisos!

— Pois são. Até para «alimentar». Mas o que não será preciso, naturalmente, é o excesso. Comem-se uns aos outros, acabando por não fazer nada de jeito. Defenda o critério: — poucos, mas bons. Daqui não pode sair-se.

Ficámos a pensar no caso. E passamos a recordar o que se passa e já passou em Portugal. Ainda há pouco — 3 clubes na zona de Chelas. Quatro ou cinco na linha do Estoril. Em Vila Nova de Gaia — o Coimbrões, Valadares, Gaia, Vilanovense, Candal, Oliveira do Douro, Gulpilhares, Canidelo! Realmente...

O nosso país, a exemplo de outros mais fortes, precisa de arjar os seus regulamentos de futebol, impondo uma organização que não debilite os clubes principais, que os bons jogadores se desviem da sua linha. Vá lá um exemplo: tirando Travassos do Sporting para o Benfica, — melhora o futebol português? Não. Melhora apenas o Benfica. Tirando Feliciano do Belenenses para o Sporting, — ganha mais classe o nosso futebol? Não. Garante-se apenas ao Sporting melhor grupo.

Mas, se criarmos jogadores na «escola», como em Inglaterra, trazendo-os depois para os grandes clubes, já o futebol pode subir de valor. É o que importa. Que o futebol seja bom. E para ser bom, na Grã-Bretanha, temos de o ir ver ao Chelsea, ao Arsenal, ao Liverpool, ao Wolves, ao Blackpool e outros grupos da mesma categoria. Estes, evidentemente, fornecem-se nas Divisões imediatas, nas «escolas», quase sempre. As «escolas» poderá querer dizer: — nos grupos de menos categoria. Não se zangam por isso, acreditem. De longe a longe, assiste-se a uma transferência sen-

# Comentários

## Circunstância a ponderar

**A** realização do encontro de atletismo Portugal-Espanha parece de momento bastante comprometida, visto a federação espanhola haver comunicado que, por falta de recursos para prover aos gastos da deslocação (subvenção retirada ou recusada pela Delegação Nacional), lhe era impossível visitar-nos.

O assunto encontra-se, portanto, pendente e passam a prealunos ou extemporâneos quaisquer comentários à sua organização. Levantaram-se divergências sobre a presumível escolha da cidade do Porto para sua realização, indicada desde o início das negociações à Federação Portuguesa pela Direcção Geral dos Desportos como preferível.

Não sabemos qual o resultado das diligências feitas nesse sentido pelos nossos federativos, mas de uma coisa estamos certos: a decisão seria tomada no sentido dos interesses portugueses, salvaguardadas as devidas responsabilidades, sem influência de anunciadas pressões dos nossos vizinhos peninsulares.

O problema financeiro seria, sem dúvida, um dos mais importantes a ponderar.

Na sua última crónica em «Comércio do Porto» o nosso camarada E. S. escreve: «A A. P. A., que procurava, nos seniores, salvar a sua crítica situação financeira, vê-se restrita a uma insignificante remuneração de quatro centenas de escudos, com perto de três para despesas!»

Eis uma circunstância que obrigará a pensar maduramente, antes que tomem uma decisão, os federativos portugueses, conscientes dos pesados encargos que trará para o organismo que dirigem, e vive deficitário, a organização do encontro com os espanhóis.

Não se trata apenas do estado da pista, que é satisfatório; nem do estado dos locais de saltos e lançamentos, que são péssimos e irregulares, mas que poderiam ser reparados pelos interessados. Trata-se muito principalmente de saber, ainda, se as condições asseguradas são suficientemente compensadoras.

Infelizmente, em todas estas questões, o material prima o sentimental.

## Critérios de interpretação

**N**ão está em nossos hábitos estabelecer polémicas, que quase sempre resultam estérteis e servem apenas para encher espaço nas colunas dos jornais grandes demais. No entanto, desta vez, abrimos excepção para que se não fique julgando que as doutrinas expandidas pelo técnico sr. Armando Sá sobre as atribuições do juiz árbitro nas classificações das chegadas, têm qualquer fundamento convincente.

Em primeiro lugar, queremos afirmar não ser verdadeiro que alguma vez, no exercício de tais funções, tenhamos feito pesar o nosso voto. Podemos, até, se for preciso, apresentar testemunho em contrário. No caso da chegada dos 100 metros no campeonato nacional de 1930, na pista do Lima, que deu origem a formidável bronca, precisamente porque nos limitámos a decidir pelo voto exclusivo dos juizes de chegada.

Sobre o assunto propriamente dito, verifica-se:

a) O regulamento atribui ao juiz árbitro poderes muito altos, mas não discriminatórios. Não diz que o árbitro tem autoridade para intervir em todos os casos, porque lhe aponta, em pormenor, as circunstâncias mais graves em que tem o direito de interferir. Daí a generalizar, a distância é grande e o critério falso.

b) Em nenhum regulamento podem figurar disposições contraditórias. Se o art.º 8.º restringe aos juizes de chegada o direito exclusivo de classificar a ordem dos corredores, entende-se que as liberdades concedidas ao juiz árbitro no texto do art.º 3.º não podem colidir com aquele e se referem apenas a casos eventuais não concretamente determinados pelo regulamento.

Fica, por aqui, arrumada a questão. Limitamo-nos, agora, a esperar a explicação prometida sobre a descoberta dos centros de gravidade. Esperamos mesmo ansiosamente, porque toda a nossa ambição é aprender. — S. C.

sacional. Como a de Matthews, recentemente. No entanto, o «viveiro» será sempre o mesmo: — o clube-«escola».

Em Inglaterra acontece assim. Em Inglaterra, onde se joga bem o futebol, como Portugal viu, os clubes bons são quase sempre os mesmos, mas os clubes que trabalham, as «fábricas», são poucos e conhecem as suas obrigações...

Fernando Mendes

No próximo número publicaremos uma interessante reportagem dos Campeonatos Internacionais de Tiro aos Pombos no campo do Goulão.



Pepe Luis Vasquez, cuja aparição em Lisboa foi há anos considerada «um facto histórico» por um ilustre crítico português, voltou a entusiasmar a nossa «aficion» na última nocturna do Campo Pequeno. Lisboa voltou a ver tourear ao natural, adiantando a «muleta» e passando o touro pela barriga, e não pondo o engano atrás do corpo, à maneira de «Gaonera», como agora se usa. E a cada série de naturais correspondeu seu passe de peito, como «El Galo» diz ser clássico e até conveniente para não viciar o touro. Pepe Luis não é só o mais artista dos toureiros contemporâneos, porque é também aquele que restitue o toureio à sua base clássica, e meritória

## A última corrida do Campo Pequeno Os cavaleiros e um toureiro

Antes de escrevermos acerca do novo êxito de Pepe Luis Vasquez no Campo Pequeno, devemos dedicar algumas palavras aos cavaleiros portugueses que na mesma noite viram o seu êxito prejudicado pelas más condições dos touros que lhes couberam. Simão da Veiga e João Núncio marcaram a boa categoria em vários ferros, especialmente aquele num «sesgo», dobrando por dentro, e este num curto; mas, ambos lutaram com uma preocupação meritória mas nem sempre possível: a de tourear com classicismo, de cara. Acontece, porém, que aqueles touros, como muitos outros que nem em Portugal, não podem ser assim lidados, e a corrida de touros é sobretudo, um espectáculo. Convertê-lo numa luta inglória e prolongada é esquecer a função do espectáculo, de qualquer espectáculo, abusando do tempo e da paciência do público. João Núncio incorreu neste esquecimento, especialmente no seu último touro e sem que o director da corrida lhe lembrasse que há, ou havia, um máximo de tempo concedido à exhibição de cada cavaleiro. Simão da Veiga, esse esqueceu que está bem que toureie de frente quando o touro está para isso, e bem provou já que o sabe fazer, mas que para os outros tem uma incomparável despesa no torneio por dentro que, afinal, não é tão de desprezar quando se verifica que os imitadores não o conseguem igualar, nem na oportunidade com que executa a sorte nem na alegria que lhe imprime.

Acerca do êxito de Pepe Luis, já suficientemente descrito nos diários, devemos também fazer uma consideração de ordem geral, como a que fizemos aos cavaleiros. O bom ensinamento que os toureiros receberam daquele toureiro, naquela noite, foi a de que o bom toureio de capa é o que ele executou, a «Verónica», rematada com meia, as sortes clássicas em tal «tercio», ainda que possam ser alegrados pela «Chicuelina» ou outra de adorno. Condenável é o uso abusivo dos fares e dos lances ou o engano por detrás do corpo, como a «Gaonera» e outras de mais fantasia que arte e verdade.

E com a «muleta» é de grande actualidade a exposição do que com o acima escrito guarda certa relação. É o caso que hoje se está abusando do ceso da «muleta» colocada por detrás do corpo, como na «Ga-

## A ÚLTIMA CORRIDA de TOUROS no CAMPO PEQUENO

nera», sorte em que, como diz José Maria de Cossio, raras vezes o toureiro expõe. Assentando o toureio na teoria, que é prática, do touro investir ao objecto que se agita ante ele — capa ou «muleta» — o toureiro só se expõe quando adianta o engano e passa o touro pelo corpo.

Aliás, evita o perigo, e esamoteia os dois primeiros tempos da sorte, cite, jurisdição e saída. Está acontecendo agora, e não deve acontecer, vemos apenas a última parte da sorte, a saída, com perda das duas primeiras. Pode representar valentia o pisar a dois palmos do touro, mas ficamos sem dois tempos da sorte, quando ela é executada com o engano por detrás!

Estão nestas condições os imitadores de «Manolete», em várias sortes e até na sua «Manoletina». O toureiro de Cordova expõe, e tem uma personalidade e um pundonor que o elevam acima de tudo; mas o mau é imitá-lo, fazer o *sempre em-pé*, com mais ou menos habilidade, e esquecer que, com a capa e com a «muleta», se deve adiantar o engano e passar o touro pelo corpo. Eis o que se nos oferece, a propósito dos cavaleiros e do toureiro da nocturna do Campo Pequeno, talvez com utilidade, para cavaleiros, toureiros e «aficionados».

Rogério Pérez

## Toureiros portugueses em Espanha

Cordova, 18 — Touros de pedrajas para Choni, Luiz Mata e Diamantino Vizeu, que saíram bons à excepção dos lidados em 3.º e 6.º lugar, difíceis principalmente o 6.º «sobrero» pois um dos touros se inutilizou nos currais.

Todos os matadores foram aplaudidos

em quites com saídas aos médios, na lide dos 1.º, 3.º e 5.º touros.

Choni e Luiz Mata fizeram faenas esplendidas que remataram com boas estocadas pelo que lhes foram concedidas orelhas.

Vizeu que já tinha sido muito aplaudido nos quites, bandarilha extraordinariamente, e faz no seu primeiro uma grande faena ao som de música.

Esteve infeliz a matar. Terve o seu trabalho premiado com volta ao ruedo e saída aos médios.

No 2.º, o «sobrero» fez uma faena breve que despachou de uma estocada

Os três matadores saíram da praça em ombros sendo passeados pelas «calles» da cidade.

(Efe)

Barcelona, 18 — Manuel dos Santos voltou a tourear a Barcelona e a triunfar. Bem com a capa e superior com as bandarilhas, foi ovacionado no seu 1.º e cortou as duas orelhas do seu 2.º que «muleteu» com arte e matou duma estocada sem «puntilla». Andaluz, «chico», esteve bem e António Caro também cortou orelhas.

O português Manuel dos Santos voltou a ser contratado.

(Efe)

## Mais um português em Espanha

O último número da revista «O Sector 1» dá nos noticia de mais um português toureando em Espanha, além de Augusto Gomes, Diamantino Vizeu, Manuel dos Santos, Etevlino Laureano e Anibal Oliveira. Trata-se de Diamantino Tomaz, de Vila Franca, conhecido pelo «Tirolito». Foi para Sevilha com aqueles dois últimos e já se apresentou em Salamanca. Com touros grandes e difíceis «Tirolito» houve-se com valentia e matou cada um com uma estocada. E vai ser repetido naquela mesma praça, o que é sempre prova de êxito.

O caso é que já temos tantos portugueses a tourear em Espanha que, qualquer dia, surge um conflito luso-hispano, tal como o hispano-mexicano que se complicou definitivamente. A graça — porque é graça — ouvi-mo-la em Sevilha.

R. P.

**A** visita da equipa da Confederação Brasileira de Basquetebol, ansiosamente aguardada por todos os adeptos da modalidade, correspondeu ao que dela se esperava, sob o aspecto desportivo, mas deve ter falhado quanto à parte financeira da organização. De facto, o público esqueceu o magnífico esforço do Belenenses, não ocorrendo ao Pavilhão dos Desportos em número suficiente para equilibrar as enormes despesas que tão dispendiosa deslocação, fatalmente, acarretou.

É pena que tal tenha acontecido, porque estes insucessos só contribuem para criar o desalento e o desinteresse entre as entidades que, como o Belenenses, tanto têm trabalhado pelo progresso e pelo prestígio do basquetebol nacional.

Porém, nem tudo se perdeu, pois os jogadores, os técnicos e os desportistas em geral tiveram ocasião de apreciar uma equipa consciente, conhecedora e disciplinada, que executou um trabalho perfeito, quanto a apuro técnico e tático, no conjunto e, individualmente, quanto ao adiestramento e pormenorização dos segredos do jogo.

No entanto, sobretudo no capítulo de marcação, os brasileiros ficaram um pouco aquém do que calculávamos e da fama de que vinham precedidos.

Isto não invalida, contudo, a rápida apreciação que acima fizemos, e talvez sirva, mesmo, para afirmar o seguinte: entre os «cinco» portugueses e o da Confederação Brasileira não existe o abismo que à primeira vista poderia admirar-se.

### Alguns apontamentos

Antes do encontro Belenenses-Confederação, jogaram o Carnide e o Atlético, para disputa da taça «C. B. B.». A vitória pertenceu aos alenenses, por 42-40.

Na segunda noite, e tendo como prémio outra taça com o mesmo nome, o Sporting venceu o Belenenses, por 34-31.

Como já se sabe e foi reletado pelos jornais logo após os jogos, os brasileiros obtiveram duas vitórias em dois encontros: Contra o Belenenses, 62-43 e contra o misto de Lisboa, 48-18.

Relatar os encontros é desnecessário. A esse trabalho se deram já outros camaradas com melhor oportunidade.

Nas duas noites, também, exibiram-se, com muito agrado, em alguns números de palinagem atlética, as simpáticas Maria Antonieta Vasconcelos, Enina Baptista e Maria Helena Simões, e o desportista Fausto Lima.

A Associação de Basquetebol de Lisboa ofereceu, num dos dias do último semana, um «Porto de Honra» aos jogadores e dirigentes brasileiros.

A cerimónia serviu de pretexto para a troca de amistosos brindes e saudações entre os desportistas dos dois países.

Também o Belenenses recebeu, na sua sede, os elementos da embaixada desportiva que o Brasil nos enviou. Aproveitando a oportunidade, o dr. Adherbal Carneiro, vice-presidente da Confederação, entregou ao dr. Octávio de Brito, presidente dos «azuis», o diploma de sócio honorário daquele organismo, distinção conferida à colectividade portuguesa pelo Confederação Brasileira de Basquetebol.

Seguiu-se uma visita ao campo das Salésias, durante a qual os brasileiros depositaram um ramo de flores no monumento de José Manuel Soares (Pepe). — **Monteiro Poças**



*Os brasileiros procuram lançar ao cesto. Desta vez não o consegue*



*Repara-se na maneira fácil como um jogador pega na bola, olhando imediatamente para a colocação dos colegas*



*João Cruz, bom avançado belenense, não consegue opôr-se a uma defesa contrário. Ao lado, o 35 em acção. A maneira como lança os braços para a bola revela-o excelente jogador*



*A selecção do BRASIL de basquetebol  
VENCEU em LISBOA e mostrou GRANDE CLASSE*



*O Belenenses e o grupo da Confederação Brasileira dos Desportos, alinhados antes do primeiro encontro realizado pelos segundos no nosso país*

## VII — Hélder Martins

A carreira desportiva do major Hélder Martins, já relatada em toda a imprensa desportiva e consequentemente nestas colunas, prende-nos hoje mais uma vez a atenção porque esta galeria, dedicada aos nossos grandes cavaleiros internacionais, nunca seria completa sem a sua inclusão, visto tratar-se de um concursista internacional e olímpico, que, há mais de um quarto



Major HÉLDER MARTINS

de século, pratica com inextinguível dedicação o desporto hipico. Falar dos seus êxitos, indicar as suas vitórias, assinalar os seus maiores e melhores triunfos será repetir o que já tantas vezes tem sido dito. Não arquivar aqui alguns dados biográficos seria, no entanto, uma falta em que não queremos incorrer.

Em 26 anos de lutas desportivas — a primeira vitória data de 1920 — o major Hélder Martins afirmou exuberantemente as suas brilhantes qualidades. Cavaleiro calmo e inteligente, dos melhores entre os melhores, tem sabido arrenhar uma série de êxitos, que já em épocas distantes lhe asseguraram lugar na terna internacional e em 1924 e 1928 nas equipas olímpicas, que, em Paris e Amesterdão, tão alto levantaram o prestígio da nossa cavalaria.

E' impossível mencionar as suas 79 vitórias — tantas acusa o seu «palmarés» — mas entre as melhores ligaram os «Grandes Prémios» de Milão (1926), Lisboa (1931, 1937 e 1947), Porto (1933), Póvoa (1922), Braga (1923), Figueira da Foz (1930, 31, 35 e 38), Tavira (1930) e Carcavelos (1942).

Foi dos nossos cavaleiros o que mais vezes disputou a famosa «Taça de Ouro da Península», e, numa percentagem magnífica, contribuiu para seis triunfos. Obteve no estrangeiro, onde foi inúmeras vezes integrado nas equipas representativas de Portugal, nove vitórias, algumas de muito valor, tais como o «Grande Prémio de Milão», a que já nos referimos, o «Prix des Grands Hotels», de Nice, em 1926, a «Omnia» de

Salamanca, em 1929, o «Prix Princesa Loetitia», também em Nice, em 1925, a «Caça» de Madrid no mesmo ano e em 1926 e o «Prémio Polissipo», em Nápoles, também em 1926.

Cavaleiro de extraordinários recursos, montou alguns cavalos, que ficaram com fama internacional e entre eles o nacional «Avro», o anglo-árabe «Optas» e o argentino «Xerez».

Começou novo a sua carreira e só assim se explica que vinte e seis anos depois ainda seja convocado para a equipa de onde sairá a nossa próxima representação olímpica.

Se conseguir, como se espera, mais esta façanha, será olímpico pela 3.<sup>a</sup> vez, o que não surpreenderá ninguém, nem os seus admiradores nem os próprios adversários.

Antas Teixeira

## NATAÇÃO

## NA PRIMEIRA JORNADA dos campeonatos regionais

bateram-se dois recordes de «principiantes»

Não é, de modo algum, lição de uma impressão deixada pela primeira ronda dos campeonatos da A. N. L., mormente se nos lembrarmos que nos encontramos, precisamente, a um mês do V encontro Portugal-Espanha. Como habitualmente sucede, e como já várias vezes acentuámos nestas colunas, foram os nadadores das categorias inferiores que estiveram em plano de evidência. E estiveram — honra lhes seja — quer no que respeita a «estilo», a entusiasmo e desportivismo e a marcas obtidas.

Assim, vão para João Franco do Vale, S. A. D., as melhores honras da noite pelo seu novo recorde de 100 metros-costas, principiantes — 1 m. 17 s. — «tempo de boa categoria, que não é, aliás, o seu melhor. Como vão, também, para o seu companheiro de clube, Guilherme José Patroni — o único nadador que averbou dois títulos individuais. Correu os 1.500, em «espasseio», para ganhar — em 25 m. 32,8 s. E triunfou, com boa vantagem, nos 200 metros-livres juniores (2 m. 35,5 s.), onde acusou, como é natural, os efeitos da prova anterior.

Os «principiantes» disputaram, ainda, uma animada estafeta de 4x100 metros-livres, que valeu pela rivalidade Alagés-Estoril e na qual o elenco do primeiro — J. Moniz, Ricciardi, Vale e A. Rodrigues — triunfou, em 4 m. 59,2 s.

Os «seniores» disputaram duas provas. Na primeira — 1.500 metros-livres — ainda se esboçou, de começo, luta entre Pereira Bastos e Belmiro. Depois, nem isso. E a prova foi, tecnicamente, fraca, não tendo os citados nadadores ido além, respectivamente, de 23 m.

## Licínio Passos

continua campeão nacional dos «semi-leves» mas Manuel de Sousa dominou-o no combate

Depois de uma paralisação temporária bastante prolongada, a que não foi estranha a crise promovida pelos terríveis impostos que sobrecarregam os espectáculos desportivos, associada a outras de índole diferente, voltou a haver sessões de boxe no Estádio Maier.

O cartez acompanha-se de quatro combates, mas o despique entre Licínio Passos e Manuel de Sousa, para disputa do título em poder do primeiro, era a atracção principal.

A luta não foi brilhante, mas teve calor e agitação, termi-

nando com a derrota de Sousa — injustamente, a nosso ver.

Licínio, embora mais robusto, menos intempestivo e sobretudo mais prático das coisas do ring, actua com marcada propensão para a defensiva durante quatro quintos do desafio. Deixou que Sousa atacasse com brio e marcasse sucessivos pontos, pela quantidade de toques conseguidos, pelas qualidades ofensivas e pela suas localidades de encaixe.

No cabo dos dez assaltos, o último dos quais foi difícil para Licínio, havia de conferir a Sousa uma vitória por escassa diferença. Infelizmente, o júri não viu assim, e outorgou o triunfo ao campeão.

Nos restantes desafios da noite, apresentaram-se a combater, primeiramente, Patrício Alvares e Humberto Craz.

Alvares ganhou por pontos, mereço do que aprendeu quando foi amador. O seu antagonista prova estar incerto e cra, descobrindo-se por completo na linha alta. Foi duas vezes ao tapete e não perdeu por fora de combate não se sabe como. Possui boa planta, mas para vencer no pugilismo carece de aprendizagem.

O segundo match teve Fernando Trindade e Manuel Duarte como protagonistas. Duarte exhibia um repertório completo de expressões aterradoras e como jogo líisonómico excedeu o imaginável. Todavia, já não brilhou tanto a combater, evitando com manobras em retirada, frequentes, qualquer oportunidade decisiva.

A vitória de Trindade, por pontos, desenhava-se mal. Não foi imponente.

O último desafio da sessão produziu-se entre Domingos de Figueiredo e Craz Passos. A principio pouparam-se a quaisquer violências, originando justos protestos dos espectadores. Depois, com o esquecer do combate, cambiaram algumas *torias* e *castanhas*, difíceis de digerir, cabendo a decisão por pontos a Figueiredo.

De um modo geral, todos os pugilistas acabaram felizes da ausência que têm do ring, provocada por causas variáveis que trazem asfixia ao pugilismo profissional.

Torna-se urgente alterar um estado de coisas insustentável, nocivo e oposto às mais singelas razões de boa lógica, como são os impostos sobre espectáculos e outras elevadas que o empresário sofre. Caso contrário, só resta liquidar os compromissos em curso e suspender a actividade por um período indefinido, à cata de tempos melhores.

Abreu Torres

R. B.



No Funchal não deixa de praticar-se futebol da melhor categoria. Ainda há pouco se deslocou para ali a excelente equipa do Real Clube Vitória, actual campeão das Ilhas Canárias. Realizaram-se 3 desfilos, o primeiro com o Clube Desportivo Nacional, com 0-0 no fim do encontro, o segundo com o Clube Sport Marítimo, valoroso campeão da Madeira, que derrotou a equipa espanhola por 3-2. Os verde-rabros fizeram magnífica exibição. O terceiro jogo efectou-se entre os visitantes, que alinharam alguns «internacionais» espanhóis, e o Clube Desportivo Nacional. Empataram 1-1. Publicamos as fotografias das equipas do Real Clube Vitória, das Canárias, e do Clube Sport Marítimo, seu vencedor (3 e 2) respectivamente. Para se avaliar da actividade funchalense, bastará dizer que o Estoril Praia está em negociações com o União local, para se exibir ali brevemente.



## Stadium na Província



O Clube Desportivo 1.º de Maio, de S. Gonçalo, Madeira: no primeiro plano — Alfredo George, Tiago Gonçalves, José Martins, Lúcio Machado e João Gouveia. No segundo plano — João Câmara, Manuel Ferreira, João Miguel Faria, António Xavier Nunes, Francisco Sousa, João Gonçalves e Paulo Pereira



O actual conjunto do F. C. Barreirense, que desde a sua fundação tem contribuído para o prestígio do futebol nacional e onde foram criados alguns dos melhores «internacionais» portugueses. Do Barreirense, como se sabe, saíram jogadores da melhor categoria; e da sua vila, então, já não têm conta: Moreira, Pedro Pireza, João Azevedo, Soeiro, Leonel, Quaresma, Arsénio, José Simões, Veríssimo, João da Palma, Salvador, Vasques, Armando Ferreira, muitos deles «internacionais» e outros, elementos de primeiro plano dos melhores clubes portugueses. Na verdade, todas as homenagens ao F. C. do Barreirense, como aos clubes do Barreiro são justas. Poucas terras contribuíram deste modo para a expansão do futebol!



A equipa de honra do F. C. de Alverca da Beira. De joelhos: Santa, Manuel, Felizardo, Alberto e Soares Cruz; de pé — Joaquim, Henrique, José, Julião e Chico. Mário e Acácio Saralva, directores do grupo



Clube Desportivo das Aves, campeão do concelho de Santo Tirso e concorrente ao campeonato da 2.ª Divisão. No primeiro plano, da esquerda para a direita: Mário, Américo, Arnaldo, Laró e Loureiro; no segundo plano: João, Dias, Figueiró, Zeca, Álvaro e Mota.



Ancorense Sport Clube — de Vila Praia de Ancora: Armando, Dias, Salazar, Hermano, Jaca, João, Pedro e Jorge (direita) — de pé; em baixo — Toninho, Bravo, Pica, Rai e Adolfo.

# VENCEMOS A ESPANHA em REMO



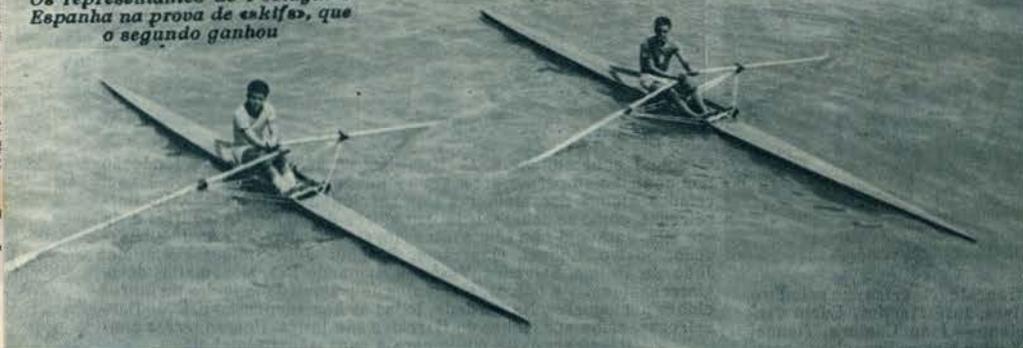
Na tribuna oficial assistindo às provas. Junto de S. Ex.<sup>o</sup> o sr. Presidente da República estão os srs. Ministro da Marinha, Director Geral dos Desportos, Comandante Tenreiro, etc.



A equipa de oito que representou Portugal e venceu a prova (Galitos de Aveiro)



Os representantes de Portugal e Espanha na prova de «skiff», que o segundo ganhou



Em cima, os dois corredores de «skiffs» de Portugal e Espanha. A seguir, à esquerda, o quatro português (Caminhense) que venceu a Espanha. À direita, avelrenses e cominhenses que nos representaram condignamente nas últimas regatas internacionais

NÃO teve a beleza desejada o IV Campeonato Peninsular de Remo, se bem que a entidade organizadora, a Federação de Remo, rodeada de um grupo de dedicações e boas vontades procurasse esforçadamente que tudo decorresse da melhor forma.

Portugueses e espanhóis alinharam para a sua primeira regata os «4» de Caminha e de Tarragona. Quase se adivinhara resultado favorável para os caminhenses... A forte tripulação portuguesa largou admiravelmente e nada se pôde opôr à sua remada enérgica. Sucessivamente ia conquistando avanço sobre a espanhola que, aliás, entrou até final briosamente.

Apesar dos sete cumprimentos de avanço com que terminaram a prova, os caminhenses fizeram mau tempo, 8 m., 5 s. e 2/5, devido ao estado das águas.

Em anteriores campeonatos — 3.º Portugal-Espanha não foram além dos 6 minutos e 45 segundos.

Lado a lado Carlos Maciel, o português e Juan Ornedes, o espanhol, travaram luta equilibrada durante os primeiros 500 metros da prova de «skiff». O caminhense, enérgico, cheio de boa vontade, remou quanto pôde, chegou às 40 remadas por minuto, mas a excelente chasse do «skiffista» espanhol impôs-lhe uma derrota. Ornedes percorreu os mil metros em 7 m. 28 s. e 1/5, cinco barcos de vantagem sobre o português, que só com más e meio de treino se nos apresentou por forma a garantir o seu futuro nesta categoria.

À terceira regata entre portugueses e espanhóis faltou-lhe a luta, viva e animada, entre as duas tripulações.

Depois de 500 metros de regata, uma colisão entre os dois barcos originou paragem e o árbitro espanhol D. José Llobet ordenou o regresso ao local da largada para recomeçar a prova.

Novamente o Galitos impôs a sua supremacia. Irresistivelmente o «8» português remou em estilo magnífico para a meta, aumentando gradualmente o seu avanço, mas chegou sozinho... O «8» espanhol metera para a doca e desistira.

Neste Portugal-Espanha também o Galitos fez pior tempo do que no Peninsular, em Viana do Castelo — mais 16 s. e 4/5.

Com estes resultados Portugal ganhou merecidamente o IV Campeonato Peninsular por 39 pontos contra 15 dos espanhóis.

Os remadores escolhidos para este quarto encontro entre portugueses e espanhóis representam, claro está, o que de melhor as duas nações podem apresentar. Em Espanha, luta-se com dedicação por uma melhoria neste desporto. Estudo-técnicamente a modalidade, olha-se atentamente para os valores que vão aparecendo.

Em Portugal, sem termos presente muito por onde escolher, o Sporting Caminhense e o Galitos de Aveiro são os de maior valor.

«Conjuntos» fisicamente bem constituídos, rijos e enérgicos, são um caso sério em competições de remo.

F. S.



# NA 2.<sup>a</sup> JORNADA dos REGIONAIS SPORTING aumentou a vantagem

A segunda jornada dos campeonatos regionais voltou a ter por cenário a pista de treino do Benfica, com todos os seus inconvenientes de péssima instalação do público; estes inconvenientes mais sobressaem pela influência que o comportamento de certos espectadores, que se julgam com todos os direitos porque pagaram — ou porque não pagaram — a entrada, exerce no decurso da organização, determinando ambiente incompatível com verdadeiro desporto e tornando insuportável aos dirigentes a permanência em campo.

Que algumas vezes o desempenho das funções do júri não é perfeito, temo-lo apontado e criticado; mas daí a por-se constantemente em dúvida a honestidade de quem dirige vai enorme distância, e não é de tolerar que tal hábito se generalize no público sempre que as coisas não correm de feição aos seus predilectos.

Os espectáculos desportivos tornam-se impossíveis se não houver a energia suficiente para moderar, dentro dos limites da educação desportiva, as reacções do público. Alguns graves dissabores têm acarretado já ao desporto português e ameaçam-nos, se não forem reprimidas, de completo isolamento.

Na jornada de domingo não se verificou ainda a esperada recuperação dos benfiquenses, apesar de haverem conseguido numa prova, a de salto em altura, a totalidade da pontuação. Os sportinguistas refizeram-se no disco e nos 10.000 metros, equilibraram nas outras provas a pontuação e marcaram vantagem nas estafetas, pelo que, ao final, aumentaram ainda de seis pontos o avanço que já tinham. A pontuação deste domingo foi de 70 a 64.

Os resultados foram, em média, agradáveis, muito bons na corrida de 100 metros, mas com ajuda sensível do vento.

Deve acrescentar-se que alguns dos cronómetros utilizados para marcação dos tempos não oferecem confiança ou a mão que os manobra é demasiado inábil.

Exemplos: nos 400 metros barreiras o tempo indicado ao 3.º classificado foi de 1 m. 1.8 s. e ao 4.º, que entrou em recuperação de terreno e com o atraso máximo de 3 metros, 1 m. 3,4 s.; impossível. Na primeira eliminatória dos 100 metros, Machado entrou com 2 metros de diferença e atribuíram-lhe 3 décimos no tempo; impossível, também. Na final desta prova, Eleutério chegou mais próximo de José Paulo do que Paquete, mas as diferenças de tempo indicam o contrario.

Houve, noutros pormenores, pouca atenção: Paquete e José Paulo, na sua eliminatória dos 100 metros, entraram na mesma pista, mas não foi notado o despieste pelo júri.

O incidente sucedido nos 1.500 metros foi evidente e não podia ser resolvido de outra maneira, desde que oficialmente assinalado pelo fiscal de pista. Estas manobras irregulares dos corredores para com os competidores estão acontecendo com excessiva frequência e é indispensável puni-las com severidade, para que desapareçam. Doa a quem doer.

(Continua na pág. 11)

Salazar Correia



Edith Sá ganha a prova de 60 metros, entre senhoras



Nuno Morais, do Sporting, bate Tomás Paquete nos 100 metros



A equipa de 4 x 200 do Sporting, vencedora do campeonato por Canhão, Jacinto, Mire Dóres e Nuno Morais



Castelo Branco, o 1.º classificado nos 1.500 metros



Mato Fernandes, à direita, val cortar a meta nos 400 metros barreiras. A' esquerda, o mesmo atleta transpondo 1,75 em altura

## MOSAICOS nortenhos...

Os corredores precisam de ir para a estrada, mas, infelizmente, faltam-lhes provas. A pista serve, de quando em vez. A pista, constantemente, enfastia o público, que assiste sempre ao mesmo espectáculo.

Chegaram dois jogadores para o F. C. do Porto, dois irmãos que allnhavam no Brasil, salvo erro no Corinthians. Nasceram, porém, no nosso país. Um deles já fez um jogo, agradando imenso. Oxalá isso possa confirmar-se. O campeão do Norte precisa bem de olhar pela sua equipa...

Coitado, afinal, sempre fica no Boavista? É pelo menos o que consta. O interior do clube do Bessa não irá «imediatamente» para a Tropa, como é voz corrente, e o clube do Bessa procura assegurar a sua colaboração.

Já o mesmo se não diz quanto a Pecheco. Sendo do Académico, não se repare que passe para o Benfica. Para outro clube seria de surpreender.

Entretanto, o clube do Lima prepara igualmente o seu grupo. Eliseu está por cá, e com certeza o veremos allnhar na próxima época pelo clube alvi-negro, a que já pertenceu. Bom reforço.

Não sairá nenhum jogador do F. C. do Porto — garante-nos alguém da Direcção. O clube, por sua vez, deseja rapazes novos, adaptáveis, gente que não possua ainda categoria no conjunto dos *ases*...

Neste aspecto, confia o clube num rapaz novo, vindo do Entroncamento. Szabo, pelo menos, espera ter ali um «internacional». Achemos bem o pensamento do F. C. do Porto. Os *ases* estão muito cerros, cheios de desfeitos, e os rapazes novos e de sangue na guelra, bem dirigidos, podem servir admiravelmente o clube.

A propósito: — Boavista, que não é, positivamente, um avançado centro, não seria um óptimo extremo direito? Já se reparou na sua tendência de fugir para a direita? A sua velocidade e o seu remate talvez dessem que fazer. Repare o Szabo nisso...

## A valorização do futebol

Um jornal desportivo lisboeta publicava há dias uma carta de atilado leitor, com a qual estamos de acordo. De facto, torna-se necessário ver com todo o cuidado a questão das transferências, tendo em conta a situação da provincia, para se evitar que o grupo nacional seja... Sport Lisboa e... Araiço. Todo o poder da bola se concentra em Lisboa e por isso será difícil espalhar pelo país boas equipas, como já tivemos. No entanto, a provincia tem trabalhado animosamente, sempre disposta a sacrificios, embora a bola fugir, quase sempre rumo «à cidade», as suas melhores pedras.

Por isso parece de defender a ideia de ver certos casos com a máxima cautela. O futebol carece de expansão, mas por todo o país. Nós defenderíamos a transferência, evidentemente, se ela pudesse corresponder a fins honestos, se o jogador a transferir satsse de clube colocado em divisão inferior para outro onde lhe fosse possível subir e valorizar o futebol.

Os pequenos centros provincianos também lucravam. De facto, Travassos, Rogério e Araiço, por exemplo, teriam dado na vista se não tivessem entrado no Sporting, no Benfica e no F. C. do Porto? Quanto a Araiço, «encaixado» no modesto Paredes — seria impossível. Logo, em casos idênticos, julgamos a transferência aceitável, absolutamente certa. Não é de condenar a passagem de clube de um elemento que poderá ser «internacional», que poderá contribuir para a expansão do futebol português. Se ficar modestamente agarrado a uma equipa desvalorizada, disputando um campeonato inferior — está condenado! Irremediavelmente.

Portanto, não pode negar-se esse progresso, custe o que custar e a quem custar. Conhecemos todos os clubes que podem contribuir, com a sua força, para dar ao futebol português o necessário equilíbrio. Será justo priorizar as suas equipas da entrada de homens de grupos modestos mas «que não atam nem desatam», desfalcando ao mesmo tempo o futebol nacional? Este é que é o problema, aliás defendido no próprio decreto que regula as transferências, salvo erro.

Já as transferências de clube para clube da mesma raça, da mesma Divisão, são de condenar. Da 1.ª para a 1.ª, da 2.ª para a 2.ª, da 3.ª para a 3.ª, por exemplo. Da 2.ª para a 3.ª e da 1.ª para a 2.ª, só consentidas pelos clubes ou que estejam dentro das condições especiais do decreto. Da 3.ª para a 2.ª ou desta para a 1.ª — sim senhor. O jogador sobe e com certeza irá valorizar o grupo em que entra. Melhor: — o futebol português. Claro que as transferências entre clubes da mesma Divisão poderiam fazer-se com o consentimento, geral ou quando o decreto as consentisse: — vida militar, estudos — etc.

Procedendo-se de tal maneira, não se negaria ao jogador o seu propósito de progredir lícitamente. Patalino pode progredir no Elvas, por exemplo, porque se habituara a uma luta forte, no campeonato nacional, contra o Sporting, o Benfica, o Belenenses, etc.

Se Patalino estivesse em clube de outra Divisão inferior — porque não a transferência? Se a pedisse, animado, disposto a ser internacional de facto, deveria ser negada? Se o fosse, Patalino ficaria por ali, a jogar contra grupos de fraco cartel, perdendo possibilidades, ânimo — tudo. E o futebol português deixaria de contar com uma excelente promessa!

E assim para outros casos idênticos. Nós deixáramos subir o jogador da divisão inferior. Subir é sintoma de progresso. Já nos outros casos, teria de estudar bem o assunto, a menos que todos estivessem de acordo, especialmente o clube a que pertencia o atleta.

Pode perguntar-se: e que divisão serviria de chave?

— A 1.ª Divisão Nacional, evidentemente.

Do contrário, todos teríamos dificuldades em ver o assunto com imparcialidade. Todas as Associações têm 1.ª Divisão...

A questão não se apresenta difícil. De resto, o decreto aponta a necessidade. Não deve deixar-se que as qualidades de alguns jogadores desapareçam! É preciso fazer a campanha de valorização do futebol português!

Em cada domingo — revela-se o poder desportivo da cidade do Porto. Embora um dos desportos mais úteis, a natação, pouco ou nada progride, sabem todos que isso é devido à falta de instalações próprias, à falta de «desajadíssima» piscina. No resto — o Porto não está inactivo. Dentro e fora dos seus muros.

No último domingo, no Estádio do Lima, o único que serve, por mal dos nossos pecados, para alguma coisa, disputaram-se provas de ciclismo e de atletismo. O público, e despeito das praias o lentarem, compareceu em número elevado. Os desportistas nortenhos não podem deixar passar um domingo sem desporto.

As provas de atletismo e de ciclismo, portanto, correspondendo provocaram gerais aplausos. O programa era bom, na verdade.

Em ciclismo, na pista, compareceram as equipas A, B e C do F. C. do Porto; A e B do Sporting; e dos marroquinos Driss e Djilali, agora no Académico, e a B do mesmo clube. O Salgueiros está ausente da pista?

O F. C. do Porto conseguiu um grande triunfo. As suas equipas A e B (Onofre Tavares-Aniceto Bruno e Fernando Moreira-Dias dos Santos), classificaram-se nos dois primeiros lugares. A equipa A do Sporting e C do F. C. do Porto desistiram. Em 3.º lugar classificou-se a equipa dos marroquinos; 4.º Académico e 5.º do Sporting B, constituída por Mex André e Manuel Rocha.

Gosteriamos de ver — repita-se, a equipa A do F. C. do Porto, formada por dois homens rápidos: Onofre Tavares e Fernando Moreira. Todavia, os pares Onofre-Aniceto e Moreira-Dias Santos são valorosos. O veterano Aniceto Bruno continue a ser chefe de respeito...

— Nos campeonatos de atletismo, o Académico classificou-se em 1.º lugar, mas o F. C. do Porto foi adversário de respeito. O popular clube portuense, com falta de uma pista onde prepare os seus atletas, apenas será verdadeiramente perigoso no dia em que a posse obter. Até lá...

No último domingo, Leonel Silva, do F. C. do Porto, ganhou os 1.500 metros, seguido de José Reis e António Barros, do mesmo clube. O dardo foi para Edger Tamegão, do Académico, 46,19 metros 2.º Albuquerque, F. C. do Porto, 44,22 metros; 3.º Alberto Silva, F. C. do Porto.

Em 100 metros, Manuel Núncio, do F. C. do Porto, ganhou os 100 metros em 10 s. 9/10; Sampaio Peixoto, do Académico, cobriu a distância em 11 s.; o peso foi para Mário Perdigão, Académico, 10,77 metros; no conjunto triunfou Edger Tamegão, com 6,61; nas estafetas 4 x 400 — Académico e Porto, 1.ª e 2.ª; os 10 mil ganhou-os Leonel Silva, F. C. do Porto, com 37,5/10 s.

PORTUENSES  
assinem a STADIUM

# Da «Volta à França»

## ganha pelo francês Jean Robic

### aos campeonatos do Mundo... e à «Volta do Ribatejo»!

Depois do nosso último artigo, publicado há uma semana, o ambiente do ciclismo nacional não se modificou. Domingo passado apenas foi preenchido por uma corrida de iniciados, em cujo percurso voltou a ser incluído o célebre Cabeço da Rosa, e pela terceira prova de regularidade. Isto em Lisboa. No Porto realizou-se nova reunião de pista, com o concurso dos clubes locais e do Sporting, de Lisboa, que para ali deslocou os seus melhores elementos.

Esta sessão de ciclismo em pista substituiu o Porto-Vigo-Porto, que, decididamente, «nasceu» com — mau olhado... Adiantamentos sucessivos levam a uma conclusão: a prova, infelizmente, não se fará... Perde-se, assim, se realmente tal suceder, uma excelente oportunidade para pôr de pé uma grande competição internacional, já que estava prevista a presença, entre outros, dos irmãos Rodriguez — Delio, Manolo, Monchó e Emilio.

Os esforços da Associação do Porto, bem coadjuvados pela Federação, não obtiveram o êxito que sem dúvida mereciam. Restará, possivelmente, (se a prova se não efectuar), a certeza de que fizemos

ram quanto lhes era possível.

Mais feliz será a Sub-Comissão Desportiva do Congresso Ribatejano. A realização da 1.ª volta ao Ribatejo pode considerar-se firme. O entusiasmo em toda a região é enorme, traduzindo-se pela oferta de prémios em quase todas as localidades do percurso. Abrantes, que nunca viu uma grande corrida de bicicletas, — vai vibrar intensamente. E já estamos a ver — fazemos ideia de acompanhar a prova... — o entusiasmo juvenil dos soldados do polígono de Tanques e o interesse da laboriosa população do Entroncamento.

Esta «volta» — à falta da «outra»

— será a mais importante corrida da época. Os organizadores contam com as equipas do Benfica e do Sporting (a eterna rivalidade), do Sangalhos (com quem?), do Desportivo da Cova da Piedade — e dos clubes do Porto, F. C. P., Académico e Salgueiros. Os marroquinos Driss e Djillali aparecerão, agora, a defender as cores alvi-negras do Académico, disposto a marcar posição de relevo, à altura de um clube que possui uma pista que é a melhor do país. E fazendo esta afirmação, temos bem presente o belo esforço do Ginásio de Távira...

O público desportivo aguarda,

com grande expectativa, a disputa da «Volta do Ribatejo». Cremos que ela corresponderá a esse ambiente de curiosidade.

Na «morna» actividade de época, há que registar as iniciativas dos organizadores de festivais de pista no Porto. A luta F. C. Porto-Benfica tem dado motivo a momentos de emoção. Mas o ciclismo carece da vida especial que têm as corridas de estrada. É outra coisa, com mais projecção, com mais «decor»...

(Continua na página 14)

Manuel Mota

(Continuação da página 9)

## As corridas

O programa começou pelos 400 metros barreiras, com cinco corredores simultaneamente em pista, facto novo em Portugal.

Matos Fernandes ganhou naturalmente, mas passando definitivamente os obstáculos; os seus 57 segundos não são, para o que vale, famosos.

Artur Dias classificou-se em segundo, em tempo que não é o seu melhor, e os dois concorrentes que se seguem, dois novos, o belenense Mateus e o sportinguista Nascimento, creditados em 1 m. 3,4 s. (que não foi na realidade mais de 1 m. 2,4 s., devendo haver erro de um segundo na leitura do cronómetro), tiveram suspiciosa estreia na difícil especialidade.

Seguiu-se a corrida de 100 metros, a distância na qual os portugueses melhores marcas têm sempre conseguido; no conjunto dos resultados anunciados, esta foi uma das melhores, mas é preciso considerar que o vento soprava favoravelmente. No entanto, a indicação de que possuímos um bom lote de corredores de velocidade, é clara; como claro é, também, que Nuno de Moraes se evidencia de extraordinária classe, conseguindo proezas assim notáveis com escassa preparação. Merece, sem dúvida, a palma de primeiro valor português na actualidade, em valor internacional.

Tomás Paquete mostrou haver recuperado a boa condição de há um ano e foi igual a si próprio; o mesmo se pode afirmar em relação a Eleutério, embora os seus 10,9 s. nos pareçam favorecidos comparativamente aos 10,8 s. de Paquete e 10,7 de Moraes e às distâncias que deles o separavam na meta.

José Paulo, Jorge Machado e Rui Maia, com tempos entre 11,1 s. e 11,3 s., parecem diminuídos pela severidade do confronto, mas em mérito absoluto os seus resultados são de primeira categoria

# ATLETISMO

para o valor médio do atletismo português.

O principal motivo de interesse da corrida de 1.500 metros estava em saber-se o que conseguiria a representação sportinguista, que normalmente dominaria na pista, depois de privada dos seus três melhores homens, a parilha Bastos e o jovem Alves da Silva. A expectativa foi satisfeita, porque um outro «leão» apareceu a dar luta vitoriosa aos adversários.

A prova foi conduzida nas duas primeiras voltas pelo belenense Joaquim Branco, um dos favoritos, que subitamente se deixou atrasar, não hesitando em escrever, se atrasou voluntariamente para não disputar a classificação e sofrer o risco de subir de categoria, acto desportivo duvidoso e antiregular. Ninguém garantirá ao valoroso corredor que volte a encontrar na sua carreira uma ocasião tão propícia, como a de domingo, para ser campeão de Lisboa; facto que conta na vida de um corredor.

Para a volta final ficaram apenas, por esta ordem, Araújo, Guedelhas e Castelo Branco; o sportinguista atacou à entrada da curva e igualou Guedelhas, que precedia então Araújo, mas à entrada da recta final, Guedelhas — não esqueçamos que é um principiante — na ansia de defender o lugar, afastou-se da corda, procurando assim impedir a passagem de Castelo Branco. Como não bastasse, meteu-lhe o cotovelo à frente e empurrou-o evidentemente, o que não evitou que o sportinguista passasse e batesse na embalagem Araújo, que, durante a «discussão» precedente, se adiantara.

O júri desclassificou Guedelhas, que chegara terceiro; agiu na lei do regulamento, mas atendendo a não ter havido prejuízo real e a terem-se verificado outros inci-

dentos, embora de menor evidência, talvez uma simples advertência tivesse sido punição suficiente.

Castelo Branco, com 4 m. 19 s., entra nos dez melhores resultados nacionais; correu com boa tática e deu prova de qualidades já esboçadas em anteriores competições de juniores.

A vitória de Filipe Luis nos 10.000 metros, em 35 m. 13,9 s., precedendo de dois décimos apenas o seu camarada de clube Afonso Marques, não representa surpresa; o tempo é muito fraco, dos piores registados nos últimos anos, e, assim, a recuperação de João Silva é mais aparente do que real, pois se pode afirmar ter sido os adversários que baixaram e não ele que subiu.

O Sporting ganhou as duas estafetas: a de 4 x 800 m., modestamente, na média de 2 m. 8,1 s. e a de 4 x 200 m., com Canhão, Jacinto, Myre Dores e Moraes, melhorando o recorde de 1 segundo, 1 m. 32,2 s., média de 23,05 s.

O Benfica, segundo classificado, também superou a antiga marca nacional, com 1 m. 32,6 s.

## Os concursos

Foram dois, somente, os concursos da jornada, um salto e um lançamento.

Na prova de altura, os representantes do Benfica conquistaram os seis primeiros postos, sem resultados individuais famosos. Os competidores que se poderiam ter intercalado, Cardoso, Durães, Moraes, não compareceram e Matos Fernandes venceu facilmente com 1 metro, 80, seguido de Meneses e Xavier Martins, com 1 metro, 75.

Conjunto mediocre, que indica estagnação de valores aquém do limite onde apenas começa a esboçar-se a classe internacional.

No lançamento do disco conse-

guiu José Luís Silva ultrapassar de vinte centímetros os quarenta metros; este lançador, que já no princípio da temporada, numa prova do seu clube, fora além dos 41 metros, tem o recorde nacional ao seu alcance. Precisa, para tanto, de aumentar a velocidade na volta dentro do círculo (o grande segredo dos astros italianos), e de reforçar a acção da chicotada final deixando o braço mais atrasado em relação ao tronco.

Manuel da Silva ficou em 38 metros, 75 e não pode progredir mais; continua com todos os seus defeitos, sobre todos o desequilíbrio na rotação, que o excelente golpe final de braço não consegue suprir na íntegra.

Emídio Ruivo, terceiro com 34 metros, 14, está na curva descendente; não será agora que conseguirá corrigir os erros que, em melhores tempos, nunca emendou.

## As provas femininas

Tiveram interesse diminuto, pela escassez de concorrentes, as provas do campeonato feminino.

Exceptuaremos os 60 metros, cuja final foi bem disputada e onde Hedi de Sá, por duas vezes, percorreu a distância em 8,2 s., terceiro resultado português.

Ivone Martins e Maria Cardoso, ambas com 8,4 s., tiveram bom comportamento.

Note-se, — em nosso parecer e no de mais algumas pessoas que se encontravam no enfiamento da meta — que houve lapso na classificação das finalistas, onde apareceu indicada em terceiro lugar aquela que nos pareceu ter sido última.

Nas restantes provas, nas quais apenas Almerinda Correia deu réplica às representantes de Belém, os resultados foram muito fracos; Francelina venceu o dardo com 28 metros, 93, Ivone os 80 metros barreiras em 15,9 s. e o comprimento com 4 metros, 08, Laura Rodrigues ganhou o peso com 7 metros, 92.

S. C.

**A** PESAR da disparidade dos resultados, que por vezes lançaram a confusão no meio, não há dúvida de que o conjunto satisfaz a época internacional de 1946-1947 do nosso futebol.

Os factos, e até mais depressa do que se julgava, vieram atenuar de curto modo, os efeitos desagradáveis das copiosas derrotas ante os argentinos de S. Lourenço de Almagro e os ingleses da selecção do "Football Association".

No entanto, ficou bem patente a necessidade de aperfeiçoamento técnico dos jogadores portugueses. Todos acabaram por a reconhecer, mesmo os mais firmes panegiristas do progresso do futebol nacional. Claro que o problema envolve muitos outros: criação de "escola", treinadores competentes — mas treinadores de facto e não apenas orientadores táticos — campos relvados, preparação física eficiente e real, etc.

Mesmo verificada a nossa inferioridade técnica, comparativamente com os ingleses, argentinos e brasileiros, não há dúvida que os resultados registados contra o S. Lourenço de Almagro e a equipa de Inglaterra foram por demais excessivos para corresponderem à verdade. Repare-se que, depois do "desastre" com os argentinos, Portugal foi vencer a Irlanda, em Dublin; observe-se que, após o "desastre" com os ingleses — e a história deste "desastre" nunca chegará a fazer se...



A selecção de Portugal que venceu com brilho a Espanha, oficialmente, pela primeira vez, na tarde gloriosa de 26 de Janeiro

descalabro contra a Inglaterra os resultados dos outros jogos foram normalíssimos.

Assim: 2-2 com a Suíça, uma tarde de chuva constante, que prejudicou as duas equipas, mas mais a portuguesa; 4-1 à Espanha; 0-1 com a França, em Paris; 2-4

es, efectuando dois encontros fora no mesmo dia, quebraram, aliás com felicidade, uma norma seguida em toda a parte.

## A época internacional do futebol português (1)

# A primeira vitória oficial sobre a selecção de Espanha e o triunfo em Dublin contra a Irlanda

— o Sporting, campeão nacional, derrotou mercidamente o famoso Vasco da Gama, equipa que na América do Sul é apontada como igual à do S. Lourenço.

O jogo com os argentinos após o brilhante triunfo sobre a Espanha, teve excesso de confiança perturbada pela fácil marcação do primeiro tento dos visitantes. Contra a Inglaterra podemos, em face do inquérito realizado pela F. P. F. e Direcção Geral, considerar que o estado de espirito dos jogadores não era propício a encarar, sem quebra de animo e vontade, um ponto logrado na primeira avançada...

Portugal disputou seis desafios internacionais, um deles com a equipa B. Aparte o

com a França B em Bordeus; 2-0 à Irlanda... 0-10 com a Inglaterra.

Continuando a considerar o desafio com os ingleses como um caso raro, que talvez não se repetisse uma semana depois com igual adversário, encontramos nos outros cinco jogos dois triunfos, um empate e duas derrotas. Mas enquanto que ambas as derrotas se verificaram fora, das duas vitórias uma foi também alcançada no campo do adversário — no mesmo campo onde a Espanha perdera...

A propósito há que salientar uma circunstância especialíssima nas deslocações das nossas equipas nacionais. No mesmo dia Portugal jogou em Dublin e em Bordeus, facto que não se dá com nenhum outro país, pois a regra é fazer em tais condições, um desafio fora e outro em casa. Os portugue-

As duas vitórias do "onze" de Portugal são dignas de realce especial.

Pela primeira vez, oficialmente, Portugal venceu a Espanha, pondo termo a uma série de resultados que não correspondiam, muitos deles ao desenrolar dos jogos.

O triunfo sobre os espanhóis foi acolhido como devia ser pelos portugueses. Apenas se lamentou que a marca final do encontro não traduzisse a supremacia dos nossos rapazes — que podiam ter, nessa tarde memorável, apagado a "mancha" mais negra do nosso futebol, Chamartin...

Portugal, nesse jogo, vencera e convenceu. A própria crítica espanhola, sempre pronta a dourar os resultados da sua selecção, não pôde esconder a justiça da vitória lusitana... a exibição dos portugueses foi magnífica e o moral revelado por todos os seleccionados traduziu, apesar de um tento de vantagem no primeiro minuto, a firme vontade da equipa.

A vitória de Dublin, apontada como justa pelos próprios irlandeses, coroou uma série de bonos resultados do "onze" nacional. Ali, onde muitas equipas baquearam, Portugal triunfou. Para não fugir a um péssimo costume nosso, houve portugueses que atribuíram essa vitória — à sorte. Os mesmos que viram, no 10-0 do Portugal em Inglaterra, apenas inferioridade dos portugueses...

A verdade é que as duas vitórias da equipa nacional se integraram perfeitamente ao quadro geral da boa campanha internacional do nosso país, na qual deve considerar-se ainda o triunfo que Lisboa alcançou sobre Paris. E não deve esquecer-se a recuperação de Bordeus, com evidência de Patalino a qual atestou o bom "fundo" dos jogadores lusitanos.

Os marcadores dos golos nos desafios com a Espanha, Irlanda e a França B: Tr:vascos, Araujo, Jesus Correia e Patalino



MANUEL MOTA

UMA INVENÇÃO AMERICANA

# O basquetebol submarino na Califórnia



*Na primeiríssima fila, um par amoroso segue as peripécias do desafio de basquetebol aquático. Sorridente, a linda sereia vai marcar um ponto, apesar da oposição de outra nadadora adversária*

O norte-americano são verdadeiros caçadores de sensações novas. O dinamismo da sua vida exige-lhes um crescendo de dificuldades ou uma aceleração de gestos e, de outro modo, perder-se-ia o ritmo atrás da sua civilização.

Aquilo que hoje os deleita — e tanto faz o cinema, como o romance ou o desporto — amanhã já os não impressiona. É indispensável outra criação original ou a mudança de pormenores para atrair novamente o espírito irrequieto do americano.

O mais recente e curioso invento nas lides desportivas é o basquetebol aquático, modalidade que floresce na costa do sol californiana. Só tem um óbice: os praticantes (não importa o sexo...) devem pertencer à família dos peixes, dos sereias ou das sereias. Um mortal como nós sufoca-se, bebe litros de água e desiste. Felizmente não sucede o mesmo ao espectador. Como as barbatanas e as nadadeiras se tornam desnecessárias, basta-lhe acudir ao Town House Pool, de Los Angeles, levando umas notas do bolso na carteira.

Comodamente sentado, mais a paragem com quem flirta, tem junto a si uma janela de vidro bem larga, através da qual nenhum pormenor de jogo pode escapar-lhe.

O jogo, possui uma dificuldade extra, que é a necessidade de manter sem respirar um minuto de tensão.

Os postes são idênticos aos vulgares mas o saco é fechado, para poder conservar a bola até que o árbitro homologue o tento. Cada grupo consta de quatro pessoas. Alinham em bordos opostos da piscina e, a um dado sinal, todos mergulham. A bola, suficientemente lastrada para não vir à tona na água, é em seguida arrojada ao elemento líquido.

Não é difícil imaginar a ânsia com que os grupos rivais disputam a posse. Mal um componente consegue apoderar-se do esférico, os restantes fazem barragem e obstrução para o livrar de apuros.

O público, disposto à roda dos quatro paredes da piscina, aplaude, ri e anima os nadadores... que nada ouvem, aliás.

Desporto excitante, o basquete submarino! Ao mirar as quebras e as volutas dos corpos das sereias, lembramo-nos imprevisivelmente do canto IX dos Lusíadas e do famoso verso de Ariosto: «Entre a espiga e a mão um muro se interpõe.»

Será esta modalidade capaz de se universalizar? Duvidamos. Nem é fácil construir piscinas como a de Town Hall de Los Angeles nem, tão pouco, se toparam a cada passo nadadores com fôlego de peixe.

Mas isso importa menos. O importante foi inventá-lo, que o resto virá mais tarde.

A febre dos meninos e meninas «bem» da Califórnia é o despique das sereias à caça da bola, as suas lutas e o tremendo esforço que produzem para sofrer um minuto de batalha dentro de água.

R. B.

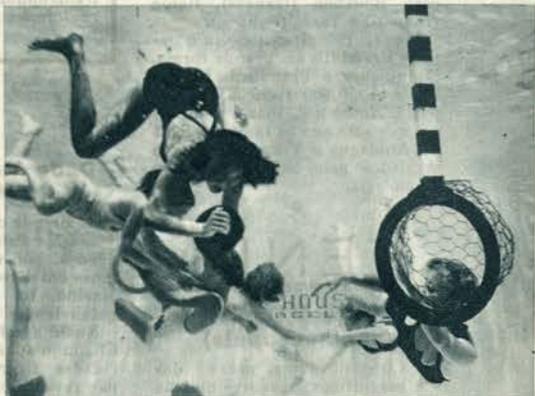
Assine a STADIUM a melhor revista desportiva



*Uma expressão calma e graciosa, irradiando o prazer da vitória no momento de preparar o golo inevitável*



*Uma fase do jogo, mostrando o trabalho de mútua obstrução pelas nadadoras do grupo que conseguiu agarrar a bola*



*A jogadora da esquerda em transe de passar a bola a uma colega mais perto da rede, e que lhe solicita*



*Não lhe acode esta pergunta, leitor: «Como poderá esta gentil nadadora ver o saco se os cabelos a ceçou por completo?»*



# A VIDA DESPORTIVA DO MUNDO

# Ciclismo

(Continuação da página 11)

## CICLISMO

### A Volta à França

Deverá estar concluída, já que oficialmente termina no dia 20 do corrente, a prova ciclista *Tour de France*, iniciada a 25 do corrente, quando estas linhas vierem a lume.

E', por consequência, extemporâneo afirmar quem vencerá, quando o vencedor está no conhecimento do leitor. Todavia arriscaremos o prognóstico fácil, dizendo que Vietto deve ceder o passo ante a juventude dos italianos Brambilla e Ronconi, que o seguem a menos de quatro minutos.

As etapas: 12.<sup>a</sup>, de Marselha a Mompilher; 13.<sup>a</sup>, de Mompilher a Carcassone; a 14.<sup>a</sup>, desde Carcassone a Luchon; a 15.<sup>a</sup>, de Luchon a Pau, e a 16.<sup>a</sup>, de Pau até Hordens, foram conquistadas por Massal (francês), Teisseire (francês), Bourbon (francês), Robic (francês) e Tacca (italiano).

O percurso pirenaico viu o italiano Brambilla em grande forma. Conquistou o Prémio da Montanha e os 50.000 francos do jornal *L'Humanité*, mas é justo dizer que este ano os famosos colos de Aubisque e Tourmalet foram escalados pelo lado mais suave da encosta.

## TÊNIS

### A Taça Davis (zona europeia)

A Checoslováquia, mercê dos magníficos jogadores que são Drobny e Cernik, ganhou limpa mente em Zagreb o encontro com a Sudeslavia, ficando vencedora da zona europeia.

No primeiro dia, Pallada e Mitic não conseguiram resistir nos encontros singulares, sucumbindo ambos em quatro partidas. No segundo, o par checo ganhou ao duo sudeslavico por 6-3, 6-1, 6-3, consumando o triunfo.

Para a *challenge-round*, os checos enfrentarão a Austrália e o país vitorioso disputará aos Estados Unidos o famoso troféu.

### O Campeonato da França

No estádio de Roland Garros, em Auteil, está agora a disputar-se o campeonato francês de ténis. Concorrem vários tenistas estrangeiros, nomeadamente ingleses, belgas, suíços e americanos.

Presentemente, encontram-se ainda na competição o favorito Tom Brown, finalista de Wimbledon, Petra, Motram, Boussus, Pellizza, etc.

## NOTA DA SEMANA

**C**icero, o grande orador político romano, manifestou um dia o seu aborrecimento pela demora como as embarcações do seu tempo navegavam. Sucedeu-lhe que indo de Delas ao Porto do Pireu, distante de 150 quilómetros, gastou cinco dias no trajecto e não consta ter sido por mau tempo a causa da demora.

Se o grande amigo de Caio Julio César visse hoje, decerto que formaria melhor opinião do sistema de navegar empregado pelos contemporâneos e ficaria estarecido diante da audácia e do risco enfrentado pelos pilotos de canoas-automóveis. Pilotando embarcações especialmente fabricadas para escorregar sobre a superfície das águas, sem penetrar nas mesmas senão o indispensável à propulsão, correm perigo iminente de uma morte violenta, tal é a facilidade com que os desastres podem produzir-se.

Parece que Sir Malcolm Campbell, antigo recordista da rapidez em automóvel e actual detentor do título em canoas marítimas, conseguiu agora, nuns ensaios perpetrados em Poole, a velocidade considerável de 241,350 km/hora, ultrapassando o seu próprio recorde, que está em 228, 010 km. desde Agosto de 1939.

«O Pássaro Azul» é uma embarcação-projectil com sete metros de comprimento, propulsionada por um motor de 2.700 cavalos. Se as condições aquáticas fossem idealmente propícias seria capaz de ir de Lisboa ao Porto em hora e meia. Por aqui se avalia melhor o que representa tal bôido marítimo e o ponto tremendamente avançado ao qual se chegou, neste género de realidades mecânicas.

R. B.

## BOXE

### Dado Marino triunfa de Monaghan

Em virtude do campeão mundial Jackie Paterson não poder, por doença, pôr o título dos «minimos» em disputa com o havaiano Marino, foi aquele substituído pelo irlandês Rinty Monaghan.

No 9.<sup>o</sup> assalto o árbitro desqualificou o substituto por irregularidades flagrantes, mas Marino não revelou classe por aí além.

### Raadik ganha a Hammon

Na Arena Marigold (E. U. A.) o pugilista estoniano Anton Raadik pôs fora de combate ao 2.<sup>o</sup> assalto o americano Ricardo Hammon.

### Aldo Minelli triunfante

Minelli continua vencendo nos Estados Unidos. Agora coube a vez a Don Amoroso (que nome tão ridículo!), derrotado por pontos em 8 assaltos.

### Combates na Itália

Em Roma, Enrico Bertola triunfou de Lazzari, por *knockout* técnico ao 1.<sup>o</sup> assalto, e Mola ganhou a Valentini por desqualificação.

### E em Espanha

Em Madrid efectuou-se ao ar livre um espectáculo de boxe cujos resultados principais foram os seguintes:

Modesto Ascêncio ganhou a

Isidro Morales, por pontos; Torralba venceu Nicolás de igual maneira; António Monzon adormeceu Messeguer ao 2.<sup>o</sup> e Joaquim Diaz pôs fora de combate ao 3.<sup>o</sup> Julian Azofra.

## AUTOMOBILISMO

### O Grande Prémio de Bari

Com grande participação de corredores disputou-se o Grande Prémio Automobilístico de Bari (Itália), prova clássica e difícil, para a qual é necessário grande virtuosismo.

Triunfou o veterano Aquiles Varzi, pilotando Alfa-Romen, percorrendo a distância de 267 quilómetros em 2 horas, 32 minutos e 26,4 segundos (velocidade média: 105,275 km/hora).

## BASQUETE BOL

### O Barcelona, campeão de Espanha

Depois de um primeiro tempo de igualdade, o quinteto barcelonês do F. C. de Barcelona ganhou ao Canárias, de Madrid, por 39-25. Conquistou o título de campeão de Espanha e, simultaneamente, a Taça Generalíssimo.

Em Lisboa, verificada a impossibilidade de utilizar a pista do Estádio, devido às obras de transformação, o ciclismo tem gravitado à roda dos amadores e dos iniciados. No domingo só os iniciados saíram à estrada, como já dissemos.

Os 50 quilómetros destes jovens proporcionou boa luta. Manuel Feijão, do Desportivo da Marconi, voltou a triunfar. Temos homem. Três vitórias consecutivas, duas delas a contar para igual percurso de provas do «Grande Prémio», atestam as boas qualidades deste moço. Atenção ao Manuel Feijão...

Dizem-nos que se fizeram diligências para a realização da «Volta a Portugal». Mas asseguramos que, infelizmente, ela não se realizará. É pena. O ciclismo muito beneficiaria com a disputa de tal prova—espectáculo único para milhares de portugueses.

A propósito de «voltas»: terminou no domingo a 34.<sup>a</sup> «Volta à França», a maior competição velocipedica de sempre. E terminou, como devem dizer os franceses, «en beauté». No último dia tudo se modificou. Vietto—o do «coração jovem e pernas velhas» na expressão feliz de Jacques Godet em «L'Equipe»—perdera a camisola amarela na única tirada contra-relógio: a 19.<sup>a</sup> da corrida. Dois italianos haviam ficado à frente: Brambilla e Ronconi. Depois, dois franceses: o regional Robic e Vietto. Em Paris, onde chegou primeiro o belga «Brick» Sebotte, Robic era o vencedor da «volta» e Vietto o 2.<sup>o</sup> classificado! Nunca, em «volta» alguma, se operou tal metamorfose na última etapa. Ficou, assim, bem assinalada na história da grande prova esta 34.<sup>a</sup> edição, devida ao esforço de dois jornais, «L'Equipe» e «Parisien Libéré».

Mas a «Volta à França» já lá vai. Paris começa, no próximo sábado, a assistir aos campeonatos do Mundo—os segundos depois da guerra. De 26 de Julho a 2 de Agosto disputar-se-ão, no «Parque dos Príncipes», as corridas de pista. Reims, no circuito de Guex, será teatro das duas competições mais importantes—os campeonatos de fundo de amadores e profissionais.

Em Paris e em Reims reunir-se-á a «fina flor» do ciclismo mundial. Europeus e americanos de Norte e do Sul lá estarão. Prevê-se que as lotações se esgotarão, para todos os dias, antes da abertura dos campeonatos.

Os portugueses não comparecem. Fica-nos a consolação de que, provavelmente, haverá ciclistas portugueses—do Benfica—no «Grande Prémio Marca».

Entretanto, todos os países se preparam para os Jogos Olímpicos. O tempo passa a correr—e a palavra «correr» está bem ao tratar-se de ciclismo...—e a guerra deixou feridas que é necessário cicatrizar antes de 1948.

M. M.

Completamente remodelada, em relação ao torneio internacional de Abril, em Montreux, a equipa italiana, apesar de demonstrar valor global de primeiro plano, não foi inteiramente feliz na prova que veio disputar a Lisboa! Um mês antes, na Suíça, a turma do Hockei Clube de Monza (Massironi, Arnaboldi, Kalmann, Germini, Zaffaroni e irmãos Castoldis) obteve, em regra, melhores resultados técnicos, e, até, melhor classificação — terceiro lugar — do que nos campeonatos do Mundo e da Europa. No entanto, o grupo da Federazione Italiana Hockei e Pattinaggio, consideravelmente melhorado, denota suficiente valor para conquistar classificação mais de harmonia com os seus pergaminhos internacionais, até com as suas exhibições. Mas...

Há sempre, nas mínimas «coisas» do desporto, uma pequenissima particular — que desvirtua resultados e pode até desviar o ramo dos acontecimentos; como sucedeu, por exemplo, com este seleccionado italiano, que então nos visitou, desde logo não tendo o favoritismo do público! E' que talvez não estivessem ainda esquecidas as «coisas» que se passaram, em fins de Agosto de 1939, dias antes do começo da guerra, quando da visita do Dopolovaro Implezo Público, de Trieste, que trouxe no seu elenco Cergoi e Poser, jogadores esses que igualmente vieram agora até nós. Tais imponderáveis, às vezes, têm as suas consequências — e naturalmente tiveram-nos! Não sucedeu isso na noite da estreia — porque a equipa italiana empolgou a multidão com o classicismo do seu jogo contra a Suíça — mas foi logo na imediata, ao deirontar a turma da Bélgica, e, principalmente, no desfilio com os correctos e simpaticísimos oquistas franceses.

Temos ainda presente o que foi o embate Inglaterra-Itália. Que maravilha de jogo! E o público, então, vibrou intensamente, aplaudindo tanto ingleses como italianos; estes tiveram talvez maior quinhão nos aplausos — porque a nós, portugueses, interessava sobretudo a derrota da Inglaterra... E foi o que sucedeu. Desde então — Portugal era campeão do Mando! Mas veio a ditima jornada — e as coisas mudaram, como por encanto, pois os espanhóis, adversários e vencedores dos italianos, contaram sempre com o

# NOTAS À MARGEM

## do Campeonato Mundial de Oquei

### IV — A equipa de Itália

apoio decidido e o aplauso anónimo da assistência... O desporto é assim: uma vez se ganha e outra se perde. E tanto a vitória como a derrota não constituem mais — até mesmo o empate — do que a natural consequência do próprio jogo: as condições em que se obtém a vitória, no primeiro caso, e que não são, porém, sempre as mesmas... Como, por exemplo, nestes casos específicos da Itália.

Os seleccionados italianos — referimo-nos às representações nacionais — têm sido provavelmente os mais heterogéneos. No torneio da sua estreia internacional, a Itália, em Herne-Bay, não venceu uma vez sequer! Começou por perder com a Suíça — sua «sombra negra» nos campeonatos — consentindo sete golos sem resposta, e, depois, tado foram resultados negativos: Inglaterra (0-14), Bélgica (1-3), França (0-4) e Alemanha (1-6). Em 1927, em Montreux, pouco melhorou: apenas um triunfo — o seu primeiro triunfo! — sobre a Bélgica (3-0), que veio a ser última classificada. Mais um ano — e nova desilusão! Outra vez o último lugar na *réprise* de Herne-Bay: e um empate, somente com a Suíça (1-1) no jogo de abertura. Veio 1929. De novo em Montreux. E, então, a almejada melhoria... Os italianos classificaram-se segundos, batidos apenas (2-6) pela Inglaterra, com empate (1-1) à França e vitórias sobre a Alemanha (5-4), Bélgica (2-1) e Suíça (4-2). No ano seguinte, os britânicos não apanharam os italianos lá, em Herne-Bay, mas eles voltaram em 1931 a Montreux... para «falharem» de novo à organização da The National Roller Rink-Hockey Association (Grã-Bretanha) em 1932... Paderá! Em Herne-Bay tiveram os seus dois únicos últimos lugares!

A partir de 1934, porém, a Itália não mais deixou de comparecer aos habituais torneios internacionais do oquei em patins; e obteve — por mais três vezes em cinco competições — a segunda classificação, em duas das quais (1936 e 38) sem derrotas, respectivamente, em Estagarda e Antaerpiá. E' curioso assinalar que, nesses duas provas, a Suíça foi a sua «sombra negra». Veja-se: 1936 — Inglaterra (1-1), Alemanha (3-2), França (2-1), Bélgica (4-0), Portugal (3-2) e... Suíça (3-3); 1938 — França (3-1), Portugal (3-1), Suíça (0-0), Alemanha (2-2), Inglaterra (3-3) e Bélgica (1-0). Quer dizer: se em Estagarda — 1.º campeão do Mando — os italianos tivessem ganho aos helvéticos, no último jogo, ficariam em igualdade com os britânicos, mas assim foram 2.º a um ponto de diferença; em Antaerpiá sucedeu quase a mesma coisa; a desvanta-

gem (2 pontos) foi, todavia, um pouco maior, devido, em grande parte, ao primeiro empate — que voltou a ser com a Suíça! E é, também, depois da Suíça (15), a Itália (com 11) a nação que tem maior número de empates.

A Itália, considerada, depois do período áureo da França, como a turma de nação «mais perseguidora» dos britânicos, «campeões invencíveis» até Lisboa, só não esteve presente em dois torneios, referidos acima, ambos na Inglaterra. E nos dois campeonatos do Mando (1936 e 1938) antes deste, a Itália, fiel a uma tradição que fez carreira durante o período post-guerra, classificou-se em segundo lugar; precisamente, acentue-se, nas duas únicas competições em que não conheceu a derrota e impôs empates à Inglaterra! Consulte-se, para mais completa apreciação, o quadro geral dos seus resultados, que são os seguintes:

	J.	V.	E.	D.	goals	clasc.
Em 1926	5	—	—	5	2-34	6.º
» 1928	5	1	—	4	5-26	5.º
» 1929	5	3	1	1	14-14	2.º
» 1931	6	2	2	2	14-14	4.º
» 1934	5	2	1	2	18-19	4.º
» 1936	6	4	2	—	16-9	2.º
» 1937	6	3	1	2	19-19	4.º (*)
» 1938	6	3	3	—	12-7	2.º
» 1939	6	4	—	2	27-10	2.º
» 1947	6	5	—	1	20-16	4.º (**)

61 25 11 25 152-184

(\*) — Igualdade em pontos com Portugal.  
(\*\*) — Idem com Inglaterra.

Um mês antes do torneio electado no Pavilhão dos Desportos, os italianos, com a equipa de Monza, ganharam a Herne-Bay (3-2), empataram com Montreux (1-1) e perderam com Barcelona (3-4) e Lisboa (1-4). Em Portugal, o grupo da Itália, que não foi, porém, o mesmo de Montreux, voltou a ganhar aos britânicos (4-3) e a perder com espanhóis (3-4) e portugueses (2-3). Do que se infere, por esta quase igualdade de resultados, que as duas equipas — a de um clube e a nacional — apresentaram valor sensivelmente igual.

Na realidade, a selecção de Itália dea rendimento muito acentuável, e, em pormenores do jogo, foi seguramente a mais vistosa das equipas que em Maio esteve na pista do Parque Eduardo VII. O grupo teve a sua «base» em três clubes: H. C. Navarra, H. C. Monza e U. S. Trieste. Ao primeiro pertencem Angelo Grassi (guarda-redes) e Giovanni Battini (avanzado suplente); do segundo fazem parte Luigi Kalmann (defesa) e capitão do *team* e Luigi Castoldi (avanzado suplente); e no último jogam Mário Cergoi (médio) e Giovanni Poser (avanzado) — que estiveram cá em 1939 com o Dopolovaro. De Trieste (do Edero) é também Lúcio Torre, médio, habitualmente, mas que neste torneio jogou sempre a avanzado.

Que dizer de uma equipa arreolada por fama mundial e que tão boas provas deu da sua capacidade? Mostra claramente ser uma turma forte... mas a que faltou sorte — e apoio! Se uma coisa, porém, é imponderável e ocasional, a outra tem, com efeito, sua explicação e justificação. Certo os desportistas portugueses não se haviam esquecido do jogo à porta fechada imposto em Montreux no 2.º campeonato do Mando... como represália consentida e discutida da nossa vitória por 2-1; e estas «coisas absurdas», embora tenham passado nove anos sobre elas, não se olvidam facilmente!!! E estes rapazes, sem culpas do que então aconteceu, solteram-lhes, agora, as consequências...

Mas os italianos souberam ser desportistas até ao fim, lutando com brío, com tenacidade, com valor, acabando por ganhar as simpatias do público e os aplausos anónimos da critica moderada. A equipa — tirante os veteranos Grassi e Kalmann, mesmo assim, e ainda, excelentes jogadores — é realmente boa. Cergoi foi, com o inglês Walters e Sidónio, dos melhores médios que apareceram no torneio. E Poser fez furor, sendo até escolhido para parecer do britânico Goodall na selecção do misto que deirontou os novos campeões do Mando.

Em suma: a Itália — rejeitada, para o 4.º lugar, pela derrota consentida à Espanha, na ditima noite, derrota que aliás não mereceu — podia ter ficado em 2.º ou mesmo em 3.º lugar. Bastar-lhe-ia (no ditimo caso) o empate com os espanhóis; ou então — e isso seria mais lógico — ter vencido o desfilio derradeiro... que de nada serviriam à Bélgica (2.ª classificada) os seis golos sem resposta contra a Suíça na mesma noite.

Jorge Monteiro

A seguir:

V — A equipa da Espanha.

## Almanaque dos Desportos

Este sensacional trabalho não pode ser apresentado em público com a brevidade que se esperava. Por isso mesmo, estuda-se a possibilidade de fechar o «Almanaque» de época a época e não de ano a ano, modelidade que servirá admiravelmente os desportistas. O que pode e deve é afirmar-se que a obra agradecerá em absoluto, continuando a receber-se inscrições, na Redacção da Stadium e na Avenida Oscar Monteiro Torres, 37, 1.º Esq.

Ano V — II Série — N.º 242  
Lisboa, 23 de Julho de 1947

**Stadium**  
REVISTA DESPORTIVA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
Travessa Cidadão João Gonçalves, 19, 3.º  
Telefone, 45993 - LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS  
Chefe da Redacção: TAVARES DA SILVA

Propriedade de  
SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LIMITADA

NEOGRAVURA, LIMITADA  
SILVAS, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

Stadium



### O Grande Prémio de Lisboa em Ciclismo

Manuel Feijão, do Desportivo Marconi, ganhou a segunda prova de regularidade em ciclismo. Vemo-lo em baixo, sorridente. Em cima: o vencedor e Armando Gonçalves e António Baptista, do Benfica, 2.º e 3.º classificados



O Sporting ofereceu um jantar de homenagem aos campeões caminhenses. É sua filial briosa e amiga. A seguir, as bancadas construídas na Foz do Arelho e um aspecto da assistência. Iniciativa digna do melhor realce!



Francisco Duarte foi vencedor da «Taça Lisboa» há 44 anos. Por coincidência, calhou-lhe agora entregar o valioso troféu aos vencedores deste ano. Aqui o vemos, ao lado dos jovens remadores da actualidade, abraçando os troféus recebidos nas Caldas da Rainha



## BELEZAS DO REMO...

Na América disputam-se todos os anos regatas de remo, entre tripulações femininas. Filadelfia é o local preferido para as referidas regatas. Apresentamos uma das equipas constituída por raparigas americanas, belezas de um desporto belo!